

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Nathália Carginin Santos

Gostei dela, mas se eu pudesse eu mudaria:
brincadeiras de crianças com “bonecos-corpos-diferentes”

Porto Alegre

2. Semestre

2014

Nathália Cargnin Santos

Gostei dela, mas se eu pudesse eu mudaria:
brincadeiras de crianças com “bonecos-corpos-diferentes”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre

2. Semestre

2014

Aos meus queridos pais Claudete e Cláudio que sempre estiveram ao meu lado, lutando pelos meus sonhos, batalhando por uma educação de qualidade, acreditando no meu potencial e, principalmente, me amando incondicionalmente!

Dedico esse trabalho, essa luta, esse sonho a vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe, Claudete, que me ensinou a sonhar, a sentir e acreditar no meu melhor. Tu és meu orgulho, minha inspiração!

Agradeço ao meu pai Cláudio, que mesmo distante, me ensinou a ter força e garra para alcançar o que se deseja. Meu amor por ti será sempre incondicional!

Agradeço meu noivo, Gabriel, que há seis anos me faz feliz, completa e faz acreditar que nossas vidas estão entrelaçadas há muito tempo! Obrigada por sonhar e estar sempre comigo; tu és meu melhor presente!

Agradeço às crianças pela oportunidade de estarmos juntas! Nossas brincadeiras, conversas, olhares foram essenciais na minha pesquisa, na minha docência e na minha vida.

Agradeço também à EMEI Vila Nova Restinga por ter aberto suas portas para meu trabalho, desde o início da faculdade até o último semestre, estando sempre disponível e aberta ao meu trabalho.

Agradeço minha família, Carginin, por compreender minhas ausências durante esse tempo e me incentivar a estudar mais e mais. Vocês são muito especiais. Em especial, para Cíntia, minha querida prima, que me inspira desde pequena!

Agradeço à Vó Rosa e ao Vô Leco por acreditarem no meu potencial e me ajudar sempre que precisei. Vocês estarão sempre em meu coração.

Agradeço à Vó Ilda e ao Vô Leory que mesmo distantes me amam intensamente!

Agradeço minhas amigas pedagogas que estiveram esses quatro anos ao meu lado, fazendo-me rir, desabafar, continuar, estudar e ter a certeza que nosso futuro será incrível, como nossa amizade.

Para Jé, Hentzinha, meu “Brutos” amado, que está comigo desde o Curso Normal. Minha caminhada não seria a mesma sem ter teu humor e tranquilidade ao meu lado.

Para Anne, um exemplo de mulher, amiga e agora mamãe! Tua competência e dedicação são admiráveis!

Para Paulinha - minha aluna mais que A! Obrigada pela escuta e pelas brincadeiras!

Para Carol, sempre objetiva, didática e comprometida, e com uma das mais gostosas risadas que eu já conheci: ainda quero rir bastante ao teu lado!

Para Lu, minha Lulu, a garota de Ipanema que chegou do Rio de Janeiro para me encantar com sua doçura, tranquilidade e sensibilidade!

Para Claudinha, a exagerada: de bondade, emoção, inteligência e de escrita!

Agradeço minhas amigas Carlinha, Carol, Fê, Nathy e Sandra por compartilharem comigo este momento intenso e único!

Agradeço minhas colegas Stéfani e Cayenne pelas conversas, trocas e apoios durante essa escrita!

Agradeço à Luiza pela competência, escuta e disposição sempre que precisei!

Agradeço minha cunhada Aline por me ajudar a refletir sobre a minha profissão, sempre contribuindo com seus questionamentos e análises.

Agradeço ao meu querido grupo de pesquisa “Qual é a cor da cultura na Educação Infantil?” pelo apoio, aprendizado, amizade e bons momentos que vivemos nesses anos.

E agradeço especialmente minha orientadora Leni pela sua disposição, amizade, dedicação, conversas, orientações, viagens, risos e desabafos! Estar contigo durante esses anos foi um aprendizado para a vida, uma amizade e parceria que cresceu nesse período e desejo imensamente que nossos caminhos continuem se cruzando. Obrigada querida!

Sonhe com aquilo que você quiser.
Seja o que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida e nela
só se tem uma chance
de fazer aquilo que quer.
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.
As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor das oportunidades
que aparecem em seus caminhos.
A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam.
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas
que passam por suas vidas.

Clarice Lispector

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso apresento minha pesquisa sobre os modos de brincar entre crianças e bonecos-corpos-diferentes. Tal trabalho busca entender como as crianças de cinco anos se posicionam frente aos bonecos cadeirantes, gordos, amputados, carecas, Downs, negros e velhos. Tenho como objetivo principal analisar as interações de crianças com bonecos-corpos-diferentes, buscando aprofundar o debate sobre a construção cultural de corpo na educação infantil. O trabalho se insere no campo dos Estudos Culturais; assim, utilizo-me de autores como Dornelles (2003), Sarmiento (2008), Silva (2007), Veiga-Neto (2001), Goellner (2003), e outros, para embasar minha pesquisa. A investigação caracterizou-se como uma pesquisa com crianças, numa articulação entre etnografia e teoria pós-crítica, valendo-se de observação participante e brincadeiras com os bonecos. Preocupou-se em fazer emergir as vozes das crianças, ou seja, o que pensam e manifestam acerca do tema pesquisado, tornando-as partícipes ativos da investigação. O trabalho foi realizado em dois encontros semanais, totalizando dez horas, durante dois meses, em uma turma de Jardim B, de uma escola municipal de educação infantil de Porto Alegre, com vinte e uma crianças, sendo quatorze meninos e sete meninas, moradores do bairro. Ao analisar os dados da pesquisa, foi possível perceber que as crianças identificaram, associaram e reconheceram os corpos dos bonecos e trouxeram-nos para suas brincadeiras, buscando quase sempre, encontrar maneiras de curá-los através do uso de acessórios, como forma de normatizar aqueles corpos. O Trabalho de Conclusão de Curso se mostra como uma possibilidade de ampliar o que entendem as crianças sobre seus corpos e os corpos dos outros. Pensando talvez diferente do que pensavam sobre se ter um corpo “normal”.

Palavras chave: Pesquisa com crianças; bonecos; corpo; diferença; educação infantil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Boneca-grávida.....	18
Figura 2: Boneca-alemã.....	26
Figura 3: Boneca- <i>fashion</i>	28
Figura 4: Boneca-alemã, Príncipe-negro e Boneco-black-power.....	29
Figura 5: Boneca-amputada.....	30
Figura 6: Boneco-cadeirante.....	32
Figura 7: Boneca-careca.....	34
Figura 8: Boneca-Down, Boneca-tatuada, Boneca-avó e Boneca-grávida.....	37

SUMÁRIO

1 O NASCIMENTO DE UM SONHO	10
2 SEMPRE COM AS BONECAS	11
2.1 CONHECENDO A PESQUISA.....	13
3 INFÂNCIAS E PESQUISA COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
3.1 ETNOGRAFIA PÓS-CRÍTICA DE PESQUISA COM CRIANÇAS: CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	17
3.2 SUJEITOS, ESCOLA E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	20
4 O BRINQUEDO INFANTIL	22
4.1 A HISTÓRIA DA BONECA <i>BARBIE</i>	23
4.2 O CORPO QUE ENTRA NAS BRINCADEIRAS.....	24
5 “QUERIA LEVAR OS BONECOS PARA MINHA CASA!”: ENTRE CONVERSAS E BRINCADEIRAS	27
5.1 “VOU TE MOSTRAR A BONECA MAIS ASSUSTADORA DO MUNDO”: A NEGRITUDE VISTA PELAS CRIANÇAS.....	27
5.2 “ELA PODE ANDAR DE CADEIRA DE RODAS OU USAR BENGALA E MULETAS”: CONHECENDO OS BONECOS AMPUTADOS E CADEIRANTES.....	31
5.3 “ELA TEM CÂNCER:” PERCEPÇÕES SOBRE A BONECA CARECA.....	35
5.4 ENTRE BONECOS DOWNS, TATUADOS, GRÁVIDAS E VELHOS: OUTRAS POSSIBILIDADES DE BRINCAR.	37
6 E O TRABALHO COM OS BONECOS CONTINUA	40
REFÊRENCIAS	
APÊNDICES	

1 O NASCIMENTO DE UM SONHO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em um projeto de pesquisa construído ao longo dos semestres da minha graduação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pretendo investigar e analisar a interação das crianças com bonecos-corpos-diferentes: o que elas pensam e entendem sobre esses corpos velhos, cadeirantes, carecas, Downs, negros, amputados e outros, corpos que não são comuns de se encontrar em bonecos infantis. Busco aprofundar o debate sobre a construção cultural de corpo com crianças de cinco anos da educação infantil.

O trabalho em questão apresenta, em sua primeira parte, a apresentação desse estudo; a segunda parte contém a origem do tema do projeto, com os objetivos, justificativa e referenciais teóricos utilizados. No terceiro capítulo apresento a metodologia, o tipo de abordagem que será utilizada, assim como os sujeitos e instrumentos de pesquisa. No quarto capítulo mostro um pouco da história do brinquedo infantil, em especial a da boneca Barbie, e como esses corpos vem se constituindo até hoje. No quinto capítulo apresento minhas categorias de análises, que divido em quatro subcapítulos para analisar o que as crianças me disseram sobre os bonecos. E para finalizar, ainda sem concluir, apresentarei minhas possíveis conclusões, a importância do meu projeto para uma pesquisa futura, minhas impressões ao realizar este trabalho; a parte final contém as referências utilizadas e os apêndices.

2 SEMPRE COM AS BONECAS

Na escolha do tema para fazer meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) minha temática já estava sendo construída desde os primeiros semestres da Pedagogia e também durante minha vida: a paixão de brincar e estar envolvida com bonecos. Na minha infância ganhei muitas bonecas *barbies*, quase todas de cabelos loiros e olhos claros, roupas, sapatos, mobília e todos os apetrechos da marca que tornava ainda mais real minhas brincadeiras. No meu quarto havia um canto especial para deixá-las, uma prateleira em cima da minha cama em que todas ficavam sentadas depois que a brincadeira acabava.

Fui uma menina muito criativa, sonhadora e apaixonada por *barbies*, brinquei até meus doze anos e lembro que, em todas as brincadeiras escolhidas por mim e pela minha amiga de infância, Josi, as bonecas *barbies* estavam sempre envolvidas. Muitas vezes montávamos uma loja de brinquedos, utilizando os catálogos de revistas que minha mãe trazia, bem como canetas, papéis para anotar os pedidos e os telefones antigos da minha avó; assim, atendíamos os clientes e indicávamos os melhores produtos e preços.

Sou filha única de pais cuidadosos e envolvidos com meus estudos, então apenas brincava com minha amiga nos finais de semana. De segunda a sexta-feira eu criava minhas próprias brincadeiras - depois de estudar e fazer os temas, é claro! Pegava minhas *barbies*, que eram em torno de dez, enfileirava-as, e ali nasciam minhas histórias e diálogos: eu conversava com todas pelos seus nomes, e brincávamos de “professora”, “clubinho”, bingo e “o que elas decidissem em conjunto”. Minhas bonecas eram mais que um brinquedo, eram amigas, confidentes, parceiras de todos os momentos - e quem diria que minhas amigas continuariam comigo depois de “grande”.

Fui crescendo, e minhas preferências mudaram e também tiveram que mudar, pois eu não poderia ser pré-adolescente brincando de *barbie* ainda, mas admito que brinquei bastante e depois guardei minhas companheiras, pois não conseguia passá-las a diante. Durante um bom tempo ficaram guardadas, ainda que nunca esquecidas, no roupeiro. Uma vez, quando cursava o Normal¹, abri a caixa e relembrei os bons momentos ao lado das bonecas, das brincadeiras em que trocava as roupas e penteava seus cabelos, que já estavam grossos e duros. Percebi então que o tempo havia mudado, tanto para mim quanto para elas - mas o carinho permanecera.

¹ Curso Normal no Instituto de Educação General Flores da Cunha em Porto Alegre

Entrei na faculdade² com expectativas, sonhos, mais que feliz em estar nesta casa, e no primeiro semestre conheci uma professora que mudaria minha relação com a Pedagogia e, principalmente, com as bonecas. Leni ministrava a disciplina de Infâncias de 0 a 10 anos, e em uma das aulas levou sua aluna de doutorado, Circe, para apresentar sua tese para a turma. O objeto de sua pesquisa tratava justamente de “bonecos diferentes”, feitos de panos.

Eu nunca havia ganhado, nem conhecido, algum boneco que apresentava uma característica diferente dos demais. Apenas lembro de, uma vez, ter ganho uma Barbie negra, mas que não tinha os fenótipos da raça em questão; era uma outra cor em cima de um corpo branco. Nesse dia conheci, toquei e senti bonecos gordos, cadeirantes, negros, cegos e outros que me fizeram reviver e pensar: porque eu e as crianças não temos e tivemos bonecos que representam outros corpos de pessoas?

Desde bebê fui para uma escola municipal de educação infantil de Porto Alegre; ali cresci e fui me constituindo. Ao lado da minha escola ainda existe uma escola para “crianças especiais” e meu convívio com esses alunos era cotidiano: recordo-me que fazíamos apresentações para as crianças dessa escola e eles também faziam para nós. Lembro-me que ficava curiosa para descobrir quem eram essas crianças, o porquê de suas diferenças e como eles estudavam nessa escola. Fazia-me perguntas e pouco sabia responder: por que elas não tinham o corpo *Barbie*? Por que seu corpo era “diferente” dos outros? De algum modo, estas indagações me acompanharam por muito tempo.

Voltando para minha entrada na UFRGS, ainda era o primeiro semestre do curso, minhas dúvidas e interesse continuavam presentes sobre bonecos. No semestre seguinte fui trabalhar como bolsista voluntária na pesquisa da professora Leni e, depois de ler o título do projeto, tive certeza que ali era o meu lugar: “Qual é a cor da cultura na Educação Infantil?”.

Educação Infantil é meu encanto, meu “xodózinho”: eu também queria descobrir qual era a cor da cultura e, quando soube que a pesquisa era feita a partir de bonecos negros, tive a certeza de que ali era o meu lugar. Então, desde 2011/2, trabalhamos e trabalhamos - eu, Leni V. Dornelles, Bibiana Alves, Gládis Kaercher e Karita de Souza - e nos organizamos para investigar, a partir de conversas e brincadeiras, como as crianças de cinco anos tratavam questões raciais, através da entrada de bonecos negros em suas brincadeiras de sala de aula. Mais tarde, inserimos na pesquisa a literatura infantil afro-brasileira, trazendo histórias em que os protagonistas eram apresentados através de personagens negros positivados.

² Faculdade de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011/1.

Aprendi a fazer pesquisa com crianças, a estar novamente com elas, brincando, escutando, trazendo para nosso grupo o que elas estavam pensando e como agiam sobre aqueles bonecos, que para elas também eram “diferentes”. As crianças reagiam, no primeiro momento, excluindo as bonecas negras, que não entravam nas brincadeiras. Depois, começamos a perceber que essas bonecas estavam em desvantagem quando comparadas à estética das bonecas brancas.

Como alternativa, resolvemos estilizá-las - torná-las *fashion* a partir da moda vigente das bonecas *barbies*. Foi um modo que encontramos para que as *barbies* negras passassem a entrar nas brincadeiras; assim, colocamo-lhes roupas novas, brilhos, sapatos, bolsas, óculos e tudo que caracteriza esteticamente essas bonecas. A partir de então elas passaram a entrar nas brincadeiras e as crianças queriam brincar com aquelas *barbies* “bonitas”: assim fomos percebendo que as *barbies* negras deveriam parecer-se, nos modelitos, com as brancas, embelezando-as.

Entretanto, tivemos mais uma vez que repensar nossa pesquisa: embelezar significa “dar beleza a algo ou a alguém”, e não era esse nosso entendimento. Acreditávamos que elas já eram belas. Era necessário, justamente, deixar sua estética mais parecida com o que as crianças entendem como belo: a estética da boneca *Barbie*. Assim, passamos a pensar no conceito de estetização e também no corpo, pois como podemos falar desses *barbies* sem pensar e problematizar seus corpos?

A pesquisa continuou, e ainda está em andamento, mas foi a partir dela que meu envolvimento com crianças pequenas e bonecos deu um salto, e vi que com eles eu poderia inserir outros corpos de brinquedos para pesquisar aquilo que tanto me encanta, desafia e provoca: os bonecos! Enfim, chegou o tempo do TCC, e resolvi unir os bonecos negros com os bonecos com corpos diferentes, algo pesquisado desde o início da faculdade com as crianças e professora orientadora. Aqui nasce um trabalho que vem problematizando, questionando e discutindo, há quatro anos, por mim, na academia, mas presente há vinte e dois anos na minha vida.

2.1 CONHECENDO A PESQUISA

Para desenvolver meu trabalho, escolhi como tema de pesquisa crianças suas brincadeiras o que intitulei como: “Gostei dela, mas se eu pudesse eu mudaria: brincadeira de crianças com “bonecos-corpos-diferentes”. A partir dele elenquei como problema de pesquisa

a seguinte questão: Como as crianças se posicionam frente aos bonecos com “corpos-diferentes”?

Com o intuito de problematizar e acrescentar a meu trabalho, estabeleci como **objetivo principal** analisar a interação de crianças com bonecos de corpos “diferentes”, buscando aprofundar o debate sobre a construção cultural de corpo na educação infantil. De forma a provocar ainda mais minhas dúvidas, hipóteses e entendimentos sobre o assunto, tenho como **objetivos específicos**:

- I. Analisar o efeito da inserção de bonecos negros, velhos, gordos, carecas, amputados, nas brincadeiras das crianças.
- II. Compreender como as crianças de cinco e seis anos se posicionam frente aos bonecos que fogem da estética atual da boneca *Barbie*.
- III. Problematizar o que as crianças dizem e como brincam com os bonecos negros, cadeirantes, amputados, carecas e gordos.

Meu trabalho baseia-se na linha dos Estudos Culturais e utilizo-me, como aporte teórico, das contribuições trazidas por autores como Leni Vieira Dornelles (2003), Manuel Sarmiento (2008), Tomaz Tadeu da Silva (2007), Alfredo Veiga Neto (2001), Silvana Goellner (2003), Altino Martins Filho e Patrícia Prado (2011), Meyer e Paraíso (2012), Gládis Kaercher (2013), Circe Marques (2013), entre outros, buscando, assim, qualificar meu debate sobre as crianças e os bonecos com “corpos-diferentes”.

3 INFÂNCIAS E PESQUISA *COM* CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir dos estudos da Sociologia da Infância, vem-se discutindo e problematizando a participação das crianças nas pesquisas desenvolvidas até aqui, e o interesse em trazê-las ativamente para os estudos tem crescido nas últimas décadas (Martins Filho, 2011), dado que nos faz refletir sobre o papel da criança nos estudos que abordam a infância. Nessa perspectiva de querer escutá-la nos estudos, podemos entender as infâncias, atualmente, como um grupo social construído que faz parte da sociedade, sendo as crianças agentes ativos que participam, constroem e reconstróem suas culturas e contribuem na construção do mundo infantil e adulto. Tratarei no Trabalho de Conclusão de Curso do conceito de infâncias, tal como Dornelles (2005), tendo em vista que, para cada infância particularizada em cada espaço de pesquisa com crianças, existem múltiplos embates, forças e lutas para que emerjam determinados modos de ser infantil e de ser criança. Assim, entendo que infâncias são múltiplas e plurais, tais como as encontramos em nossas investigações.

Essa atual concepção de infância difere das concepções históricas apresentadas pela modernidade até então, onde se entendia essa fase de vida como uma imaturidade biológica. A própria palavra “infância” carrega no seu significado etimológico a incapacidade, pois significa “aquele que não fala”. Nos dias de hoje, pensar a criança como incompleta reduz tal conceito, e passamos a vê-la como seres ativos culturalmente, que diferem entre si através do tempo, espaço, da cultura vivida, de uma época para a outra.

Dornelles (2005), ao problematizar a infância, reitera o fato de haver múltiplas infâncias e não apenas uma infância única, pura e ingênua como foi preconizada pela modernidade. Pensar nessas múltiplas infâncias pobres, ricas, *cyber*, superprotegidas, abandonadas, marginalizada, ajuda-nos a entender quem são os sujeitos que encontramos nas pesquisas, considerando seus valores, crenças, vivências e conceituações para que possamos entender o que essas nos dizem.

O interesse em desenvolver pesquisa *com* crianças parte do enorme desejo de “ouvi-las”, “escutá-las”, “fazer emergir sua voz”, de forma que passem a assumir, cada vez mais, lugar de destaque nesses estudos. Martins Filho e Prado (2011) já diziam que o lugar que as crianças ocupam na pesquisa revela e visibiliza suas “vozes” - mesmo quando os sujeitos não falam, uma vez que a fala vai além da oralidade e está presente no toque, nos olhares, nos gestos, nas preferências, sentimentos, no silêncio das crianças que são compreendidos pelos adultos e nos dizem sobre muito aquele sujeito.

Como afirma Sarmiento (2011, p. 28) “*ouvir* não significa necessariamente *escutar*, mas no facto que essa “voz” se exprime frequentemente no silêncio, encontra canais e meios de comunicação que se coloca fora da expressão verbal”. Dessa forma, quando se pretende pesquisar com crianças, é preciso atentar-se para “ouvir” suas múltiplas linguagens, potencializando assim as relações entre si e entre os adultos e crianças.

Fazer pesquisa *com* crianças ainda é um desafio para qualquer pesquisador, pois o fato de escolher a metodologia a ser utilizada causa muitos questionamentos, não sendo algo simples. Como desenvolver práticas metodológicas que tragam a criança como protagonista? Quais estratégias utilizar na pesquisa? Como colocar-se diante delas sem que nossa presença interfira nos seus entendimentos do mundo?

As metodologias e procedimentos para pesquisar com as crianças ainda não estão definidos para os estudiosos do campo, pois ainda é uma tarefa complexa que está em processo de construção, nesses modos de investigar com as crianças, já que ainda é preciso conhecer e abandonar o que os adultos tradicionalmente entendem por pesquisa com grupos infantis, dando espaço para o que as próprias crianças digam sobre si. Sarmiento e Pinto (1997) nos ajudam a entender que

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz da criança. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa [...], a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações (SARMENTO E PINTO, 1997, apud MARTINS FILHO 2011, p. 84).

Dessa forma, ao pesquisar com crianças é preciso usar métodos compatíveis para a participação ativa das mesmas, buscando, como adulto, maneiras de adentrar em suas ações, em seus “pensamentos”, colocando-se disponível e disposto a conhecê-las. Sabemos que não é possível abandonar nossas interpretações e conhecimentos, pois nossa entrada em campo nunca é neutra, mas carregada de conceitualizações sobre as crianças. No entanto, ao tentar olhar de uma maneira diferente da que vínhamos até então praticando em nossas pesquisas, utilizando metodologias que possibilitem “troca de lentes”, é possível enxergar de outras formas esta questão.

Meu desafio enquanto pesquisadora é, justamente, “romper com estereótipos e preconceitos sobre as crianças e suas culturas, para nós ainda estranhas e exóticas.” (Dellgado e Muller, 2005, p. 168). Toda a pesquisa é uma escolha, carregada de concepções, baseadas em determinados autores e opções acerca de metodologias e estratégias de investigação. Nossas pesquisas são nossas escolhas, e o que pretendo a partir de então,

[...] não é absolutamente inusitado, o radicalmente original, mas a possibilidade de apontar novas formas de problematizar o já sabido e, quem sabe, encontrar caminhos insuspeitados para fazer frente às nossas inquietações no que diz respeito às relações que estabelecemos com as crianças (DORNELLES & BUJES, 2012, p.5).

Coloco-me como as autoras, nessa tentativa de trazer as crianças para o texto, enfatizando o que e como elas estão entendendo, brincando e estabelecendo relações, no referente ao meu objeto de investigação - qual seja, os bonecos com “corpos-diferentes”. Bonecos e bonecas que apresentam, nesse tempo, marcas da cultura. Marcas de corpos que nem sempre chegam às brincadeiras das crianças. Para tal, ao apresentar tais corpos ao grupo de crianças da pesquisa, foi necessário que minha presença fosse articuladora entre crianças e brincadeiras com bonecos, com suas concepções e culturas.

3.1 ETNOGRAFIA PÓS-CRÍTICA DE PESQUISA COM CRIANÇAS: CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Durante o processo de escolha da metodologia que desenvolveria nesse trabalho me deparei com muitas dúvidas sobre a metodologia de pesquisa de inspiração etnográfica; procurava entender até que ponto poderia utilizá-la fazendo pesquisa *com* crianças. Busquei teóricos que me ajudassem a pensar sobre sua história, e Corsaro (2005) explica que a etnografia é o método que a Antropologia utiliza para estudar outras culturas, povos, costumes e que busca conhecer sua essência através da inserção do pesquisador no local, de modo que ele participe para conhecer aqueles sujeitos.

Entendendo as crianças como produtoras de cultura, como apontei anteriormente, e percebi que a etnografia pura era a metodologia que mais se encaixava com meu objetivo nessa pesquisa, que se propõe a analisar a interação de crianças com bonecos de “corpos-diferentes”, bem como o que as crianças percebem, falam e dizem sobre esses bonecos.

Durante esse estudo, dei-me conta do quanto é complicado fazer com crianças uma etnografia pura, entretanto é inspirada nela que entendo possível estabelecer contato e interação com os pesquisados. Nos estudos com crianças é cada vez mais recorrente utilizar mais de um procedimento metodológico para compreender o tema que se deseja estudar.

Como Martins Filho (2011), acredito que uma metodologia de inspiração etnográfica é um dos elementos importantes para se realizar uma leitura mais completa do universo vivido pelo grupo investigado, e é nessa perspectiva que insiro a etnografia na pesquisa *com* crianças. Entendo a criança muito além de um objeto de estudo, pois ela é vista pelo pesquisador e ao mesmo tempo interage, observa, dialoga, brinca; assim, esta criança é também o partícipe da pesquisa. Dessa forma, “reconhecê-las como sujeitos, ao invés de objetos de pesquisa, envolve aceitar que as crianças podem falar em seu próprio direito, que são capazes de descrever experiências válidas.” (Delgado e Muller, 2005, p. 172).

Busco também na etnografia pós-crítica uma outra maneira de problematizar os estudos sobre infâncias e crianças, utilizando-me de autores que baseiam-se em referenciais pós-críticos e auxiliam o questionamento acerca daquilo que vem surgindo nos estudos até hoje. Tais contribuições ajudam-nos a pensar sobre certas “verdades” trazidas até então nas pesquisas com crianças, e nos desafiam a problematizar essas afirmações de modo a equalizar as vozes das crianças, percebendo-as como essenciais quando objetivamos falar *com* elas.

Entendo que, ao trazer dessa maneira as crianças para as pesquisas, o trabalho enriquece, pois a tentativa é deixá-lo cada vez mais de acordo com o que as crianças dizem, sentem, falam, brincam, tentando evidenciar seus modos de ser e estar em um determinado tempo e lugar. Dornelles e Lima (2014, no prelo) já diziam que essa nova forma de olhar

[...] nos permitem agora pensar diferente sobre nossas pesquisas com crianças e poder, a partir daqui, ter como suporte as contribuições metodológicas da etnografia pós-moderna para usá-la como fundamento no que concerne ao desenvolvimento de pesquisas que buscam analisar os relatos *das* crianças e não apenas os relatos *sobre* as crianças.

Ao construir minha metodologia trago a etnografia pós-crítica de pesquisa com crianças, entendo-a como uma outra forma de problematizar minhas questões de pesquisa, trazendo mais hipóteses, dúvidas e questionamentos acerca dos corpos dos bonecos e das interações com as crianças. Escolho justamente esta metodologia pois entendo que, como afirma Gottschalk (In: Meyer e Paraiso, 2012), elas são “mais modestas quanto às reivindicações de possuírem a verdade e a autoridade, mais criticamente auto-reflexiva com

respeito à subjetividade e mais autoconsciência das estratégias linguísticas e narrativas” (p. 65). Sei que não é a única forma de fazer pesquisa com crianças, nem a melhor ou correta, mas é aquela que a meu ver consegue contemplar e fazer emergir as vozes das crianças.

Na pesquisa com as crianças que apresento neste TCC, utilizei-me de observação participante, entendendo-a como uma forma de ver, sentir, viver o local, as crianças, a sala de aula e ao mesmo tempo estar envolvido com os sujeitos e o espaço, utilizando-me não só como pesquisador, mas também como parte integrante daquele espaço na pesquisa, que interage, conversa, pergunta, brinca, instigando com as crianças durante os encontros. Em um desses momentos conversei com uma menina que estava brincando com a boneca-grávida; aproximei-me e perguntei:



Figura 1- Boneca-grávida

P³: - *Você gostou de brincar com ela?*

C: - *Sim. Tu sabe que as mulheres ficam gordas ou grávidas?*

P: - *Não sabia, podes me explicar melhor?*

C: - *Minha mãe é gordinha e eu também! As vezes eu brinco que sou magra!*

P: - *Como funciona essa brincadeira?*

C: - *A gente vai para frente do espelho e faz a barriga encolher!*

P: - *Entendi... e por que tu acha que estás gordinha?*

C: - *Minha amiga é magra e diz que sou gordinha!*

P: - *E como tu te sente?*

C: - *Ah não precisa ter vergonha, algumas pessoas são diferentes, como os cegos, eles não tem pupila, só quem tem consegue enxergar! Eu gosto de mim assim.*

Através dessa conversa, fica claro o quanto a observação participante pode trazer elementos mais ricos para a pesquisa, questionando, nesse caso, a menina, para entender como ela se sente frente à afirmação da sua amiga e sua concepção sobre um corpo gordo e grávido. Também utilizo as brincadeiras com os sujeitos durante os encontros, entendendo-o como uma forma de linguagem que me trouxe muitos materiais para que pudesse me debruçar e refletir sobre as crianças e os bonecos com “corpos-diferentes”.

Os registros escritos no diário de campo foram fundamentais para minhas reflexões, retomadas e reorganizações do trabalho; neles escrevia o que acontecia nos encontros e

³ Utilizarei as siglas P para pesquisadora e C para criança.

também alguns entendimentos do que eu estava observando a partir de uma brincadeira ou de uma de nossas conversas. Segundo Meyer e Paraiso (2012), o diário auxilia a organizar e trabalhar as informações colhidas em campo, para que depois possa produzir, descrever e analisar o material coletado. Nele consta, além de descrições dos espaços, relações crianças e crianças, crianças e adultos, situações que surgiram na sala de aula, envolvimento e comportamento das crianças, bem como minhas análises. Seria impossível apenas observar as ações das crianças sem (re)contar, (re)interpretar, (re)significar, mas, ao mesmo tempo, sendo mais fiel possível ao trazer os entendimentos das crianças durante esse trabalho, de forma que minha fala se espraie no texto, evidenciando assim a participação ativa das crianças.

Sabemos que a pesquisa que parte de uma etnográfica pós-crítica com crianças “não está (e nem poderia estar) fechado, e decidido a priori e que não pode ser ‘replicado’ do mesmo modo, por qualquer pessoa, em qualquer tempo” (idem., p.20). Dessa forma, utilizo essa metodologia como uma forma de orientar minha pesquisa com os pequenos, arriscando novos caminhos metodológicos para estar com eles e buscar através de seus entendimentos pistas sobre suas construções de mundo.

3.2 SUJEITOS, ESCOLA E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Utilizo, como artefatos na minha pesquisa, bonecas, de forma a investir nas brincadeiras das crianças, buscando compreender seus entendimentos sobre o tema em questão e também como funcionam essas práticas discursivas em suas interações. Acredito que analisar as interações das crianças com os bonecos com “corpos-diferentes” é uma maneira de colocar em discussão as falas trazidas por elas, assim como seus conceitos.

Para desenvolver minha pesquisa, escolhi trabalhar com crianças de cinco a seis anos de idade, estudantes de uma escola infantil do município de Porto Alegre, localizada em um bairro popular desta cidade. A escola em questão manteve suas portas abertas para as pesquisas que realizei anteriormente, além da confiança e disponibilidade que sempre me foram concedidas a fim de problematizar as questões trazidas com os temas propostos.

Trabalhei com uma das turmas de Jardim B da escola, que continha vinte e uma crianças matriculadas na turma, sendo sete meninas e quatorze meninos. Pude acompanhá-los no turno da manhã juntamente com a professora. Realizei dois encontros semanais com toda a turma durante o período de dois meses, totalizando dez horas.⁴ Os alunos foram convidados a

⁴ Durante nossos encontros apresentei para as crianças os bonecos e a cada dia criava uma estratégia diferente a fim de problematizar algumas questões propostas para com as crianças.

participar desse estudo e manifestaram seu interesse através do termo de consentimento da criança, deixando claro que gostariam de participar, além da permissão dos responsáveis que assinaram o termo, autorizando seus filhos.

Durante os encontros foram disponibilizados bonecos com corpos “diferentes”: velhos, carecas, negros, gordos, amputados, tatuados e com Síndrome de Down. Nesses momentos foram feitas observações participantes, brincadeiras com os bonecos e, posteriormente, conversas com o grupo de crianças. Meus instrumentos de pesquisa foram anotações no diário de campo, gravações mediante autorização dos pais, das crianças e da escola, realizados durante os encontros.

4 O BRINQUEDO INFANTIL

Início meu referencial analisando os artefatos culturais - nesse caso, os bonecos que historicamente foram inventados nos séculos XVII/XVIII como um complemento à criança, por ser compreendida como um ser incompleto. Ariés (1981) já nos mostrava que, nessa época, brinquedos como cavalo-de-pau e cata-vento já eram representados através da iconografia e, muito mais tarde, surgiram as bonecas. Inicialmente, elas foram entendidas como um instrumento utilizado por bruxos e feiticeiros e, a partir da industrialização, esse entendimento passou a ser modificado, especialmente pelo uso de novos materiais na criação de brinquedos.

Brougère (1995) apontava que não se pode afirmar quando os primeiros brinquedos surgiram, mas foi na Alemanha que os brinquedos passaram a ser comercializados. Utilizo-me dos estudos de Lemos (2007, p.85) para pensar que “com o nascimento da sociedade industrial, os adultos foram concebidos como trabalhadores, devendo produzir mercadorias, sendo, dessa forma, afastados da atividade lúdica. A brincadeira tornou-se uma prática restrita às crianças”. Com essas novas formas de organização da sociedade, a criança passa a ter sua importância; inventa-se, a partir da Modernidade, o sentimento de infância, passando a perceber as crianças como seres diferentes dos adultos e, portanto, com necessidades próprias dessa fase.

Sobre brinquedo, Fortuna (2011, p.9) afirma que “[...] brinquedo bom, é brinquedo brincado. Um brinquedo só é brinquedo pela ação de brincar, isto é, porque alguém brinca com ele”. Trago essa afirmação para pensar na correlação entre o brinquedo e a brincadeira, ambos interligados, conectados por conjuntos de práticas sociais presentes em determinado tempo e lugar, como entendemos nos dias de hoje.

Com a ajuda da história podemos lembrar que, durante muitos anos, acreditou-se que o brincar era algo natural, inato, neutro, estando como uma habilidade natural infantil. Durante os séculos XIX/XX, as análises feitas sobre o trabalho com brinquedos terão um grande efeito dos discursos advindos das áreas da psicologia, pedagogia e medicina. Contudo, no final do século XX, alguns estudos atuais, como Dornelles (2003), passam a estudar os efeitos da ação com brinquedos e entender que na mesma há uma forma de governo, de controle, de modos de produção de sujeito de um tipo.

Baseio-me, a partir desse momento, em que o brincar não é tido mais como “inato”; as crianças estão cercadas de informações, inseridas em diversas culturas e produzindo verdades

a partir do que estão vivendo. Seus saberes estão materializados e podem ser vistos através dos bonecos, por exemplo, como afirma Dornelles:

Os brinquedos, em especial os bonecos vêm se constituindo como uma forma de governo e auto-governo das crianças. As estratégias de poder neles apresentadas produzem efeitos, e fabricam modos de subjetivação que aprisionam os infantis a “verdades” sobre como deve ser seu corpo, seu comportamento, suas atitudes, seus valores. (DORNELLES, 2002, p.6).

Esses bonecos, desejados por muitas crianças, nos trazem muitas informações e ajudam as crianças a construírem verdades sobre como devem ser os bonecos, as pessoas e seus corpos. A partir do momento em que as crianças brincam com um tipo específico de corpo, como as *Barbies*, em sua maioria loiras, magras e com olhos claros, estão sendo produzidos efeitos de “verdade” nas crianças. Dornelles (2003, p. 3) nos ajuda a compreender que, dessa maneira, tudo que escapa deste “modelo de normalidade” é visto como o “diferente”, o “outro”.

Assim, entendo que os brinquedos, em especial os bonecos, estão carregados de significados, como objetos culturais carregam entendimentos que são produzidos por um determinado universo cultural, sendo a sociedade uma das principais fontes de fabricação de significados, impulsora de modos de “ser sujeito” de um tipo e não de outro. Significados estes que emergem fortemente nos ditos das crianças, quando apresentamos a elas bonecos com “corpos-diferentes”, como mostrarei mais a diante.

4.1 A HISTÓRIA DA BONECA BARBIE

A boneca Barbie foi criada em 1959 pela empresa americana Mattel⁵, produzida para as meninas e lançada na Feira Americana de Brinquedo, na cidade de Nova Iorque. Ela foi a primeira boneca com características adultas criada nos Estados Unidos e foi apresentada, desde então, com corpo de manequim: cabelos compridos e loiros, longas pernas e cintura fina - uma medida “perfeita”, distribuída ao longo dos vinte e nove centímetros da boneca.

Originalmente, a Barbie⁶ teve inspiração na boneca alemã *Bild Lili* criada a partir de uma personagem de quadrinhos pornô alemã. O seu designer criou as medidas da boneca de

⁵ Empresa multinacional fabricante que detém a marca da boneca Barbie.

⁶ Max Altman e Marcelle Chartier

acordo com seu gosto pessoal, e ela era vendida para homens como um presente ousado. A Barbie só virou uma boneca infantil quando Ruth Handler teve a ideia de fabricar uma boneca com feições adultas, que até então não existia. Ruth, juntamente com seu marido, Elliot Handlet, fundador da empresa Mattel, criou a famosa *Barbie*.

Ruth observava sua filha mais nova, Bárbara, brincando com bonecas adultas de papel, uma vez que suas bonecas de infância, os bebês, já não atraíam sua filha. Ela então percebeu que era preciso criar um brinquedo que permitisse às meninas imaginar e brincar com seu futuro. A empresa Mattel comprou os direitos de *Lili* e fabricou sua própria versão, a Barbie, nome dado em homenagem à filha do casal, Bárbara.

Desde então, a Barbie tem sido vendida e reconhecida no mundo todo. Hoje a boneca é vendida em cento e cinquenta países, e querida pelo público infantil feminino. Xavier Filha e Bacarin (2014) afirmam que os exemplares já vendidos, se colocados um ao lado do outro, dariam sete voltas em torno do nosso planeta, e estima-se que mais de oitocentos milhões de exemplares foram vendidos até hoje. Com essas informações, podemos entender a repercussão e, posteriormente, a importância da Barbie como brinquedo infantil para as crianças. Hoje a marca vende não só a boneca, mas suas roupas, acessórios, carros, casas, livros e filmes, tornando-a ainda mais real.

Essa retomada histórica sobre a Barbie nos ajuda a compreender como ela foi e vem sendo apresentada para as crianças de todo o mundo nesses cinquenta anos de existência, e a importância de se pensar, analisar e discutir sobre sua aparência, beleza, juventude, magreza, enfim, como esse corpo vem se constituindo, produzindo concepções, entendimentos e subjetivando meninas e meninos. Podemos dizer que a Barbie é um ícone mundial, que reflete os desejos de muitas meninas: elas podem ser o que quiserem, e o estilo, a aparência e a moda estão sempre presente na brincadeira e principalmente na boneca.

4.2 O CORPO QUE ENTRA NAS BRINCADEIRAS

Como apontam nossos estudos anteriores⁷ a partir dos Estudos Culturais e das contribuições de Michael Foucault, é possível entender o corpo como um conjunto de práticas sociais, históricas e culturais. Nosso corpo vai além do biológico: ele também é um conjunto

⁷ Ler: “Como devem ser os corpos dos bonecos? O que dizem e pensam as crianças sobre ser e ter um corpo negro numa sala de educação infantil”. In: Livro de destaques do Salão de Iniciação Científica da FEVALE/2014.

de significados, e é formado, construído e negociado em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, raciais, etc. (Goellner, 2003).

Assim, falar desse corpo é também falar das nossas identidades. Construímos esse corpo através dos *piercings*, tatuagens, manchas, cicatrizes, próteses, enfim, todas essas marcas fazem parte da nossa história que, ao longo do tempo, fomos construindo. Nosso corpo é mutável, suscetível as inúmeras intervenções que fizemos e faremos; dessa forma, não são as semelhanças biológicas que nos definem e, sim, os significados culturais e sociais que atribuímos a elas. Louro (2003) afirma que o corpo é produzido – cultural e discursivamente – e, nesse processo, ele adquire “marcas” da cultura, tornando-se distinto.

Discuti em outro lugar (Santos, Alves e Dornelles, 2014), que nesse contexto, a linguagem também vai definindo a produção desse corpo que a todo o momento é classificado, nomeado, atribuído valores e também definindo normalidades e anormalidades. Sabemos que essas representações não são universais, mas variam de acordo com o momento histórico, o lugar, o espaço, a cultura presente naquela sociedade, constituindo e produzindo esse corpo que ali vive. A produção do corpo também opera, simultaneamente, entre o coletivo e o individual, pois cada corpo é composto por identidades, constitui personalidades, e desejamos torná-lo único e diferente dos demais. Entretanto, esse mesmo corpo é semelhante aos outros corpos que são produzidos nessa cultura.

Para entendermos hoje como o corpo é compreendido, é preciso analisar as contribuições de Foucault (1992), que já nos dizia que podemos pensar o corpo de maneira que possamos problematizá-lo, colocá-lo em questão, estranhá-lo, procurar histórias, pesquisar o passado e o presente, desatualizá-lo para que se possa evidenciar os discursos e práticas que nele estão envolvidos, cultivados, produzidos. Dessa forma, ao se olhar a para a sua construção histórica, será possível compreender o que hoje é entendido como desejável e aceitável em um determinado corpo.

Atualmente, na maioria dos países ocidentais, pode-se dizer que o corpo vive em um lugar de destaque e, cada vez mais, as pessoas preocupam-se, acrescentam, melhoram, transformam e investem no seu corpo, produzindo sua própria imagem, na qual o objetivo é torná-lo belo, jovem, atraente, na moda e saudável. Podemos pensar sobre a valorização desse corpo, presente na nossa sociedade, nos dias de hoje. Isso nos faz refletir sobre o efeito que esse pensar corporal tem para uma criança em formação, sobre que corpo é fabricado nesses bonecos vendidos nas lojas de todo o país. Será que esses corpos são fabricados a partir do entendimento atual do que é ser belo?

Observamos em nossas pesquisas que tais práticas tendem a produzir um tipo de corpo e constitui sujeitos de um tipo. Quando nos debruçamos sobre os modos de se ter um corpo hoje, em nosso contexto de vida, podemos entender o porquê de se ter e pensar apenas sobre um tipo de corpo como o “certo”, sendo marcas também encontradas e caracterizadas em muitos bonecos que materializam em nossas lojas de brinquedos: bonecos com cabelos loiros e lisos, de olhos claros, brancos, heterossexuais.

Levar para a sala de aula bonecos com corpos “diferentes” é uma tentativa para vermos os efeitos que esses corpos produzem nas crianças e nas suas brincadeiras na sala de aula da educação infantil.

5 “QUERIA LEVAR OS BONECOS PARA MINHA CASA!”: ENTRE CONVERSAS E BRINCADEIRAS

Neste capítulo apresentarei minhas análises referentes ao envolvimento das crianças com os bonecos de “corpos-diferentes”. Durante os encontros com a turma do Jardim B, as crianças mostraram-se muito envolvidas e curiosas acerca dos bonecos levados para a sala de aula - ao todo treze bonecos saíram do saco de brinquedos, enquanto as crianças olhavam, tocavam e falavam sobre aqueles corpos. Para problematizar com mais intensidade as falas e brincadeiras das crianças, resolvi separar esse capítulo em quatro partes, dando ênfase aos bonecos que percebi como os mais significativos e também os mais rejeitados pelas crianças.

5.1 “VOU TE MOSTRAR A BONECA MAIS ASSUSTADORA DO MUNDO”: A NEGRITUDE VISTA PELAS CRIANÇAS

No primeiro encontro levei para as crianças um saco grande e colorido e, como já havíamos conversado sobre a proposta do meu trabalho, eles já sabiam o que havia ali dentro: muitos bonecos! As crianças, que estavam em roda, foram pegando os brinquedos, olhando-os, tocando-os. Comentando sobre o que estavam vendo, passavam para os colegas conhecerem, entre risos, cochichos e olhos atentos.

Entre todos os brinquedos, uma das bonecas logo chamou atenção da maioria das crianças: a Boneca-alemã era vista e rejeitada; rapidamente era jogada no colo dos outros colegas. Alguns olhavam-na, riam e mostravam para outros colegas como uma forma de



Figura 2 – Boneca-alemã

assustá-los, pois essa era “A boneca mais assustadora do mundo” (como eles a denominaram).

Um dos meninos disse:

– *Olha ali a nega!*

Outro fez questão de dizer para os colegas que estavam ao seu redor:

– *Não gostei é muito negra!*

O mesmo menino ainda completa:

– *Ela me deixou assustado porque ela é muito preta!*

Resolvi então pegar outra boneca negra, a Princesa-Tiana, para saber como o menino reagiria, assim, coloquei-a ao lado da Boneca-alemã e perguntei se essa também deixava-o assustado e ele respondeu:

– *Não, porque ela é uma princesa!*

– *Essa que me dá medo, parece uma bruxa!* – apontando para a Boneca-alemã.

Durante as brincadeiras, a Boneca-alemã não foi pega pelos meninos, que escolhiam outras bonecas: algumas vezes, eles faziam referência à ela, mas como um brinquedo assustador, “anormal”. Entre os bonecos da turma a maioria eram brancos, de olhos claros, loiros e magros, assim como os que aparecem na mídia, nas lojas de brinquedos, filmes e revistas; corpos que são comuns aos nossos olhos e que acabam tornando-se um “corpo normal”.

Em suas pesquisas, Dornelles afirma que, “ao serem consumidas as imagens e os discursos da mídia sobre corpos “bonitos” se consomem, também, os seus significados a sua pedagogia da beleza e os modos de ser um tipo de sujeito. (2010, p.1). Assim, a Boneca-alemã apresentada às crianças possui características que se diferem desse corpo comum que é valorizado como corpo normal, de maneira que qualquer outro acaba tornando-se anormal, desviando do padrão estipulado nessa sociedade.

Na turma, muitas das crianças da sala possuem a mesma cor de pele da boneca - inclusive o menino que se disse ficar assustado com ela, fato que nos revela o quanto a subjetivação dessas crianças também está sendo construída em outros lugares. Tais espaços que mostram as qualidades de ser de um determinado tipo (como ser branco) e trazem, mesmo que sutilmente, que ser negro é negativo, não é bom, belo, aceitável.

Os entendimentos das crianças sobre essa boneca negra também me fazem refletir sobre a concepção de raça/cor dessas crianças, em uma turma que a maioria é de autodeclarados mestiços, viventes e participantes de uma comunidade conhecida pela valorização racial, da participação das escolas de samba e das religiões de matriz afro-brasileira.

Trago os conceitos de raça/cor para embasar meu estudo, e busco na história o conceito de raça, que inicialmente teve um viés biológico, servindo a partir do século XIX como uma forma de categorizar as raças humanas, utilizando como base as características físicas e intelectuais das pessoas. Essas classificações serviram para hierarquizar a humanidade utilizando os critérios raciais. (Boucinha, 2014). Apesar das discussões sobre o termo, utilizo raça como sinônimo de cor, como forma de entender e problematizar as falas das crianças a partir dos bonecos, das suas interações com os bonecos negros.

No decorrer dos outros encontros com as crianças percebi que as meninas buscavam a Boneca-alemã para brincar, diferente dos meninos, que mantiveram uma posição de negação com essa boneca. Conversei com algumas meninas sobre a boneca, questionei se elas haviam gostado do brinquedo que assustava os outros colegas e elas me disseram:

– *Ela deve ser cantora porque tem corrente e brilho!*

Outra boneca estava inserida na brincadeira, a Boneca-*fashion*, essa era disputada pelas meninas que manifestavam seu encanto por ela:

– *Gostei do brinco, salto, da maquiagem, da roupa!*

Mesmo sendo rejeitadas em alguns momentos, as bonecas negras apresentam uma estética que as crianças aprovam, algo que é comum aos seus olhos, como a estética da boneca *Barbie*. Já dizíamos em outras pesquisas que



Figura 3: Boneca-fashion

Ao estetizarmos os bonecos, observamos que esses modos de embelezamento têm como objetivo mudar, suavizar, incrementar, alterar, esconder características do corpo, visando deixá-lo belo, de acordo com os “padrões de beleza” impostos pela nossa cultura. (ALVES, DORNELLES E SANTOS, 2014, p. 9)

As crianças também estão inseridas nesses padrões, entendendo o que é considerado “belo” nesse tempo: ao apresentar bonecos estetizados à eles, suas concepções trazem suas verdades, dizem-nos que esses corpos fazem parte do padrão que é valorizado culturalmente na nossa sociedade. Os acessórios citados pelas meninas fazem com que aquele corpo seja desejado para estar nas brincadeiras, um corpo repleto de significados, construído, investido, com objetivo de “dentro da moda” e, assim, também é aceito pelas crianças.

Ao entrar na brincadeira com os bonecos negros, as crianças mostraram-se receptivas: os meninos disputavam o Príncipe-negro e o Boneco-black-power, pois eram os únicos bonecos que eu havia levado. Além disso, a cabeleira do boneco era o que chamava mais atenção das crianças, que logo identificaram-no como o jogador David Luiz. Em uma das brincadeiras coloquei os três bonecos negros juntos; alguns olharam e me disseram:

*C – Eles parecem irmãos.*⁸

P – Por quê?

C – Eles são da mesma cor, eles são negros e parecem os mesmos!

C – Eles tem o mesmo tom de pele.

P – Mas todos os negros e brancos são irmãos?

C – Não! Pode ser um de cada cor na família.

⁸ Utilizarei a letra C para identificar as crianças e P para pesquisadora.

C- A guria é preta, o príncipe é moreno e o outro é marrom.



Figura 4: Boneca-alemã, Príncipe-negro e Boneco-black-power

As crianças aproximaram os bonecos por terem a mesma cor de pele. Entretanto, dentro das suas classificações, elas identificaram cada boneco com um tom dessa cor, mostrando seus entendimentos sobre as diversas formas que podemos nos identificar. Quando um dos meninos diz: “A minha irmã é morena, minha outra irmã é branca. Minha mãe é branca, meu pai moreno”, ele reconhece a diferença racial existente em sua família e também fala sobre si, quando diz: “Eu sou moreno!”.

A produção da identidade dessas crianças já está acontecendo, desde o nascimento, de forma contínua; elas percebem-se frente aos outros com semelhanças e diferenças. Silva (2007, p. 96 e 97) afirma que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção “[...] a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Identidade essa que também é produzida no coletivo, nas narrativas, nos discursos, nas relações de poder.” Tais relações vão se mesclando, produzindo e ensinando como ser um sujeito branco ou negro nesta sociedade, e isso se dá também quando brincam com determinados tipos de brinquedos e constituem-se através das pertencas, suas identidades raciais.

Como a autora afirma

Nossa identidade racial define-se como resultado de uma negociação, de uma mescla que une desejo individual de pertencer a uma determinada raça, circunstancialidades diversas – tais como nível econômico, formação – e as possibilidades e os desejos momentâneos de pertença. (KAERCHER, 2010, p. 89 e 90)

Assim, através das práticas discursividades das crianças de educação infantil pude perceber como elas estão produzindo seus saberes sobre um corpo negro. Quando uma

menina me diz: “*Meu pai é negro, mas eu não iria gostar de ser dessa cor, eu iria me esconder. Eu gosto de ser meio branca.*”, podemos entender que essa sua escolha de perceber-se meio branca faz parte da identidade que foi construindo, do embranquecimento e branquidade presentes nos discursos da sociedade que por muito tempo nos apresentou a pele clara como a “normal”, a “aceitável”. E é através da inserção dos bonecos com corpos diferentes que pudemos ouvir e entender como as crianças dessa turma estão dizendo de sua pertença a uma raça e como suas identidades são construídas através dos discursos da e pela diferença.

5.2 “*ELA PODE ANDAR DE CADEIRA DE RODAS OU USAR BENGALA E MULETAS*”: CONHECENDO OS BONECOS AMPUTADOS E CADEIRANTES

Outros bonecos apresentados para as crianças foram a Boneca-amputada, que não possui a perna direita e têm um curativo envolta do seu joelho e o Boneco-cadeirante. A escolha de levar esses bonecos era justamente para problematizar as questões levantadas pelas crianças, que ao mesmo tempo que diziam nunca ter visto bonecos desse jeito, diziam conhecer pessoas que estavam com esses tipos de corpos.

A Boneca-amputada foi levada para as crianças, que inicialmente ficaram curiosas com aquela falta da perna e o curativo que a envolvia. As crianças não a tocavam, mas ficavam observando de longe a boneca e falavam:

– *Olha, ela não tem uma perna!*

Nos primeiros encontros essa boneca não entrava nas brincadeiras das crianças. Algumas vezes as crianças reclamavam que não havia bonecos sobrando para elas brincarem, então eu indicava:

P – *Tem aquela boneca.* – apontando para a Boneca-amputada.

C – *Ahh essa não né! Ela tem machucado!*

Essa “falta” presente no corpo da boneca é uma marca que as crianças reconheciam, e a todo momento referiam-se à ela, indicando que em suas brincadeiras esse corpo não poderia estar presente - um corpo não desejado, não belo, não aceitável. Esse estranhamento das



Figura 5- Boneca-amputada

crianças nos revela como os seus olhares estão lineares a partir do que se vem apresentando à elas. Dornelles já dizia que (2003)

As crianças não tem possibilidade de brincar com bonecas “diferentes”, seja em relação a diferenças raciais, étnicas, de gênero ou de geração. Nas salas de aulas de nossas crianças, onde estão os gordos, os cegos, os que andam em cadeiras de rodas, os portadores de síndrome de Down, os idosos, os gays, os que usam óculos? (DORNELLES, 2003, p.19)

Onde estão os amputados, queimados, carecas, com próteses, muletas, implantes? Que corpos estão circulando em nossas salas de aula? Para onde vão os brinquedos tidos como “estragados”? Será que não são aceitos, incluídos na brincadeira, na vida das crianças? Esse corpo amputado é marcado pela “diferença”: as crianças, mesmo vivendo em um espaço heterogêneo, encontram-se com o outro de forma inevitável, como a sala de aula, os colegas, suas diversas culturas, os brinquedos.

O olhar curioso das crianças ao conhecer “*aquela sem perna*” mostra como essa diferença também é instigante, curiosa e ao mesmo tempo desconhecida. Em um determinado momento um menino pegou a Boneca-amputada e disse que iria arrumá-la. Segurou-a e ajeitou o cabelo, suas roupas e tentou enrolar o curativo na perna da boneca, mas como estava caindo pediu um novo. Eu alcancei um novo pedaço de fita, ela cuidadosamente fez o novo curativo e no final disse:

– *Pronto, ela esta arrumada!* – largando a boneca na mesa e procurando outros bonecos para brincar.

Dornelles e Kaercher (2012) afirmam que “O corpo representado em cada boneco ou boneca é também o meio através do qual se ensina às crianças a agirem sobre si e sobre outro” (p.6). Arrumar cuidadosamente o curativo da boneca nos indica que ele percebeu que aquele corpo também precisa ser cuidado e, quando ele termina, prefere buscar outros bonecos, porque aquele corpo ainda é estranho, diferente.

Em outro encontro coloquei um vestido de princesa na boneca amputada para ver como as crianças reagiam e imediatamente ela passou a ser aceita em grande parte das brincadeiras, além de receber elogios quanto às suas feições:

C – *Eu prefiro ela assim, com vestido, agora ela ficou bonita com o vestido porque não aparece a perna dela.*

C – *Ela tem olho bonito e cabelo castanho!*

Uma das meninas continuou não aceitando a boneca, e afirmou:

C – *Eu gosto de princesas, mas ela cortou a perna! Deve ter acontecido um acidente!*
 –e completa – *Ela quebrou a perna, ou ela cortou com faca ou ela nasceu assim!*

Eu questionei se mesmo assim ela poderia ser uma princesa e ela afirmou que poderia ser, mas mostrou-se preocupada com sua locomoção. Um dos meninos que estava ali perto, escutando a nossa conversa ajudou a resolver o “problema” da boneca:

– *Ela pode andar de cadeira de rodas ou usar bengala e muletas.*

Depois de receber um novo look, a boneca amputada passou a ser mais aceita e envolvida nas brincadeiras e as crianças passaram a vê-la de forma diferente, pois ela passara a ser uma princesa - sem perna – mas, ainda assim, uma personagem importante. As falas nos mostram que o papel do vestido nesse corpo era de “disfarçar” uma marca presente nessa boneca, além de ressaltar seu título de nobreza durante os enredos que iam surgindo. Discuti anteriormente⁹ como o corpo vem se constituindo e reinventando e, ao levar a boneca amputada para a sala de aula, percebi que através do vestido as crianças permitiram-se brincar com esse corpo, mesmo como forma de esconder ou melhorar aquele defeito.

Já a visita do boneco cadeirante rendeu muitas conversas e disputas entre as crianças que exploravam a cadeira de rodas e faziam relações com carrinhos de supermercado e de corridas. Um dos meninos ficou encantado com o brinquedo e disse que nunca conhecera um boneco assim e afirmara ser um dos mais legais da sala.

Logo os questionamentos começaram a pairar nas brincadeiras e entre as conversas das crianças, todos levantavam hipóteses sobre o que haveria acontecido para ele usar uma cadeira de rodas:

C1– *Se um cara atropelar ele fica assim e tem que dormir na cadeira!*

C2 – *Não, ele precisa de alguém para colocar na cama!*

C3 – *Ele pode usar bengala e ir ao médico onde que cura a perna.*

Questionei se eles já haviam visto uma cadeira de rodas de verdade, e eles afirmaram que “no hospital tem várias”: “– *Quando as pessoas estão doentes e não conseguem caminhar elas precisam ir no médico para pegar uma cadeira de rodas para sentar se não elas caem e se machucam.*”



Figura 6: Boneco-cadeirante

⁹ Ler o subcapítulo 4.2 O CORPO QUE ENTRA NAS BRINCADEIRAS.

As crianças, em momento algum, falaram desse corpo cadeirante como anormal: elas os chamavam de diferentes, assim como todos os bonecos que eu levava para a sala de aula, mas a partir de suas falas pude perceber que estavam entendendo e falando de um corpo anormal.

Trago o conceito de anormal como forma de discutir a palavra que, mesmo não sendo usada pelas crianças, é identificada através de algumas das suas falas, que manifestavam descontentamento ao ver os bonecos em condições “diferentes”, como uma menina que disse para tirar o boneco da cadeira de rodas:

– *Eu não gosto dele na cadeira fico muito triste.*

A anormalidade passou a identificar alguns grupos inventados na modernidade: “são os síndromicos, os deficientes, os surdos, os cegos, os aleijados, os rebeldes, os hiperativos, os miseráveis e tantos outros tipos resultantes dos saberes sobre a diversidade humana. (VEIGA-NETO, 2001, p. 105). Falar da anormalidade muitas vezes causa estranhamento, pois parece atingir o “politicamente correto”; no entanto, trago essa palavra como forma de discutir esses corpos entendidos, falados e tidos como não-normais: assim, anormais.

A discussão sobre esses corpos é o objetivo dessa trabalho que, apesar das inúmeras classificações e nomeações que vêm se dando à eles, quer justamente problematizar e estranhar as falas e os discursos produzidos pela sociedade e buscando de maneira atenta os entendimentos das crianças. Marques (2013, p. 63) conclui que “então, os ‘outros’ – quer sejam os ‘estranhos’ de que nos fala Bauman, quer sejam os anormais de que nos fala Foucault, bem como os nomeados pelas alunas – continuam sendo inventados e ganhando novas denominações.”

Fiquei sabendo que no ano seguinte a escola receberá uma aluna cadeirante e perguntei para as crianças como um cadeirante poderia entrar na escola:

C1– *Aqui tem escada e a cadeira de rodas não pode subir porque se não cai!*

C2– *Ah, mas tem uma rampa, para a cadeira descer!*

Logo as crianças trouxeram mais informações sobre os cadeirantes:

C1– *As pessoas de cadeira de rodas também podem jogar basquete né?!*

C2– *Eles movimentam a cadeira com as mãos e jogam a bola.*

As crianças falaram sobre o que sabiam sobre os cadeirantes, e em momento algum se mostraram com pena dessas pessoas, mas traziam em suas falas o quanto a cadeira era importante e legal para sua locomoção. Mostraram-se também solidários quando diziam: “– *As pessoas podem empurrar quem usa cadeira de rodas, para ajudar!*” – Tal afirmação me fez pensar que ele, alguma vez, poderia ter visto alguém ajudando ou, talvez, tenha escutado

que essa poderia ser uma forma de auxílio; o fato é que não se mostrou indiferente diante da diferença. Esse mesmo menino ainda completa: “–A prof.^a um dia conversou com a gente para a gente não rir de quem usa cadeira de rodas.”

Atualmente ouvimos um discurso de respeito e tolerância para com os “anormais” ou com qualquer um que foge do padrão imposto socialmente. No entanto, não se explica como ela é produzida. Silva (2007) nos mostra que “diferente da diversidade biológica, produzida pela natureza, a diversidade cultural é fabricada, um processo em que há diferenciações.” Muito mais que celebrar a diferença, é preciso colocá-la em questão – talvez, assim, será possível entender sua forma de invenção e como ela foi produzida nessa sociedade. O desafio é repensar “o outro gênero, a outra cor, a outra sexualidade, a outra raça, a outra nacionalidade, o outro corpo” (SILVA, 2007), a outra pessoa, o outro ser humano, o outro boneco.

5.3 “ELA TEM CÂNCER:” PERCEPÇÕES SOBRE A BONECA CARECA

– *Ela é careca?* – perguntavam as crianças logo que viram a boneca com sua touca. Imediatamente passavam a mão na sua cabeça, tirando dela o acessório, para procurar algum vestígio de raiz de cabelo. Curiosas e interrogativas, as crianças perguntavam o que acontecera com ela, tirando e colocando novamente a touca.

As meninas exploravam suas roupas e botas, afirmavam que ela era bonita mas, durante as brincadeiras, ela permanecia de touca, e diziam:

- *Eu prefiro brincar com touca porque ela é careca!*
- *Para ninguém rir dela ela usa touca!*

A boneca, como outros bonecos, também era disputada nas brincadeiras mas, quando a touca sumia, ela era deixada de lado, retornando apenas quando eles encontravam o acessório, colocando-o na sua cabeça. Ser careca pode significar velhice, estilo de cabelo, nascimento e também doença, como foi o caso das crianças que logo a identificaram com câncer.

- *Ela tem câncer!* – um dos meninos da sala afirmou para seus colegas.

Eu questionei o que era câncer e ele completou:



Figura 7: Boneca-careca

– Eu sei o que é câncer, é uma doença que toma bastante remédio aí cai o cabelo e depois que parar de tomar o cabelo cresce aos poucos!

A fala desse menino ressalta o que já escrevi no capítulo três: as crianças pós-modernas nos trazem informações sobre como estão entendendo, como funciona aquele corpo e como seus saberes estão entrelaçados cultural e socialmente. Sua fala posterior também nos mostra o quanto as indústrias midiáticas, como a televisão, têm lugar de destaque no cotidiano das crianças, também produzindo verdades:

C1– Eu já vi uma música que a mulher corta o cabelo porque ela tem machucado na cabeça!

C2– Ela pode usar uma peruca!

C3– E também touca e pode usar chapéu, lenço.

Há possibilidades de disfarçar a falta de cabelo, como foi citado pelas crianças. Inicialmente, elas não aceitavam essa condição da boneca e valorizavam o cabelo comprido das outras barbies. Novamente a falta deve ser concertada, melhorada, disfarçada para que ela possa entrar nos “padrões” da nossa sociedade. Bauman (2001) afirma que temos a tendência de homogeneizar as pessoas, pois a diferença do outro nos causa desconforto, fazendo com que haja um esforço para eliminar a diferença que tanto nos incomoda.

Em outro encontro, outro menino me fez um pedido:

– Eu queria levar para mostrar para minha mãe porque ela não sabe o que é câncer!

Ele queria levar a boneca careca para mostrar para sua mãe, pois ele havia contado em casa que conhecera uma boneca com câncer e sua mãe não sabia como seria essa tal boneca. Eu e as outras crianças conversamos para encontrar uma maneira de explicar melhor para a mãe do menino sobre a “boneca com câncer”, como eles a chamaram.

C1– É uma doença que elas perdem o cabelo ou cortam!

C2– Então o cabelo dela pode estar caindo e ela também pode ter ficado doente depois de grande!

C3 – Os bebês nascem assim e o cabelo vai crescendo!

C4 – Depois o cabelo vai crescer e ela fica bem!

As estratégias que as crianças encontraram para explicar a falta de cabelo da boneca careca nos ajudam a entender o quanto eles produzem conhecimentos e reformulam a partir do que assistem, escutam, percebem, não sendo uma reprodução da sociedade, mas uma re(construção) do que estão vivenciando. Nenhuma das crianças tem parentes com essa

doença, mas afirmam já terem visto na rua, nas novelas, no jornal, notícias sobre pessoas com câncer e como elas utilizam acessórios na cabeça.

Depois das nossas conversas, a boneca continuou presente nas brincadeiras, mas agora a touca não era obrigatória para as crianças: elas tiravam-na de forma natural, como se aquele elemento não precisasse mais fazer parte do corpo da boneca. Como Veiga-Neto afirma (2002, p.34) tudo que temos certeza deve ser problematizado, assim “tudo aquilo que pensamos tem de ser contínua e permanentemente questionado, revisado e criticado.” Essas crianças, naquele momento, estavam pensando certa coisa sobre esses corpos e, no entanto, este pensamento pode mudar a qualquer momento, assim como suas brincadeiras, que nos últimos encontros dispensou a presença da touca na boneca.

Assim como nós, as crianças também estão em processo: modificam, constroem e reconstroem seus saberes, mostram-nos o quanto é importante escutá-las nas pesquisas, sem generalizar suas falas, mas entendendo que elas estão falando desse momento, colocando nossas verdades em suspenso, e inventar com eles novas formas de pesquisar. Ao conversar com as crianças durante esse período, tenho a certeza que “muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras.” Veiga- Neto (2007, p.19). Alternativas que vamos provocando, e dando conta de uma gama de informações que as crianças são capazes de nos ensinar a cerca do que sabem, entre eles, sobre os corpos-diferentes dos bonecos.

5.4 ENTRE BONECOS DOWNS, TATUADOS, GRÁVIDAS E VELHOS: OUTRAS POSSIBILIDADES DE BRINCAR.

Em minhas análises escolhi me aprofundar nos bonecos mais problematizados pelas crianças durante nossos encontros. Além dos que apresentei anteriormente, também levei bonecos Downs, tatuados, grávidas e velhos, com os quais as crianças também brincaram, falaram e se envolveram de formas diferentes. Entendo que toda a escrita é uma escolha: assim, trouxe de forma mais aprofundada as análises com alguns bonecos, mas estes também foram importantes para a construção desse trabalho, pois as crianças depararam-se com uma diversidade de corpos-diferentes em suas brincadeiras, como foi objetivado no início desse TCC.

As crianças também reagiram de maneiras diferentes com esses bonecos, como com a **Boneca-Down** que não foi reconhecida como um corpo “diferente” pelas crianças e também

não foi inserida nas brincadeiras, pois seu corpo era o que se diferenciava entre todos os corpos estilo “*Barbie*”. Na turma havia um aluno com Síndrome de Down, mas em nenhum momento ele e seus colegas manifestaram semelhança com a boneca, ou alguma forma de aceitação.

Já a **Boneca-tatuada** foi a mais disputada entre todos os bonecos: as crianças gostaram do seu corpo que continha três tatuagens, além de roupas estilosas. Eles associaram as tatuagens de seus familiares com as da boneca e manifestavam encanto e desejo em ter esse corpo:

– *O meu pai tem um dragão atrás do pescoço igual a ela!* – menina referindo-se a boneca tatuada.

Almeida (2006) nos ajuda a entender que a tatuagem teve dois momentos distintos desde seu surgimento: inicialmente, ela era uma forma de classificação dos indivíduos, jurídica, moral, marcadora de classe, posição social, ritos, passagens, classificando rigorosamente as pessoas, por terem em seu corpo essa marca. Hoje, ela já é entendida como uma manifestação corporal, carregada de identidade, um espeço de “experiências individualizantes, estetizantes e prazerosas”. (ALMEIDA, 2006, p. 140). Entendo que essa, por ser uma prática mais comum nos dias de hoje, possibilita um entendimento diferente das crianças com esse corpo; elas manifestavam interesse de fazer tatuagens de crianças, que duram aproximadamente três dias e podem ser retiradas com água e sabão.



Figura 8: Boneca-Down, Boneca-tatuada, Boneca-avó e Boneca-grávida.

A **Boneca-avó** também foi aceita nas brincadeiras; entretanto, as crianças a identificaram como professora, por causa dos óculos e das roupas mais comuns, como uma calça jeans, blusa estampada e um casaquinho, como eles relataram. Na composição das famílias feitas pelos alunos, a Boneca-avó era tida como amiga ou mãe de outras *barbies*, raramente assumindo o papel de avó nas brincadeiras. Entendo que as feições dessa *barbie*

são muito suaves: mesmo representando a terceira idade, seu corpo não possui tantas curvas e contém suaves marcas de expressão e rugas, em que as crianças não identificam “velhice”.

A última boneca foi a **Boneca-grávida**, que rendeu muitas análises para as crianças, que observavam atentamente a barriga, retirando-a e colocando-a no corpo da boneca diversas vezes e, posteriormente, encontrando um nenê para colocar dentro de sua barriga. As meninas foram as que mais se identificavam com essa *barbie*, montando famílias inter-raciais e nucleares durante as brincadeiras. Alguns meninos pegavam a barriga, que é móvel, e colocavam embaixo dos vestidos de outras bonecas, e também nos bonecos.

Esse corpo era visto ora como grávida ora como gordo, e as crianças discutiam sobre ele. Uma das meninas relatou-me que as mulheres ficavam gordas ou grávidas e se identificava como gordinha. Eu questionei sua afirmação, e ela disse:

C – As vezes eu brinco que sou magra, a gente faz a barriga encolher! Minha amiga é magra e diz que sou gordinha!

P – E como tu se sentes?

C – Ah não precisa ter vergonha, algumas pessoas são diferentes, como os cegos, eles não tem pupila, só quem tem consegue enxergar!

Essa menina me apresentou como se sente frente ao seu corpo, e relata que, às vezes, precisa brincar de emagrecer, como uma forma de se sentir dentro dos padrões atuais de beleza, que tanto vim discutindo ao longo desse trabalho. Ser gorda não é alvo de desejos, por mais que sua fala diga que não é preciso ter vergonha desse corpo. Sua fala mostra que é preciso buscar as diferenças de uma forma geral como uma forma de aceitação, como se não tivesse problema em ser gorda, mas também há um desejo manifesto, na brincadeira, em ser magra.

Eu poderia continuar com as discussões sobre esses corpos Downs, tatuados, velhos e gordos, pois são temas relevantes na educação, entretanto minhas escolhas foram pautadas a partir da minha observação com as crianças, percebendo os bonecos que elas mais se envolviam, os que mais despertavam sua curiosidade e quais foram mais significativos para elas durante nossos encontros.

6 E O TRABALHO COM OS BONECOS CONTINUA

Meu Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia está se encerrando, mas volto ao começo para pensar como ele se constituiu, assim busco através do meu problema de pesquisa entender como as crianças se posicionam frente aos bonecos com “corpos- diferentes”? Essa retomada também é uma forma de (re)pensar meu tema, metodologia, análises e as escolhas que tive que fazer para desenvolvê-lo. Tive como objetivo principal analisar essas interações entre crianças e “bonecos-diferentes” e pude compreender como aquele grupo observado estava pensando naquele momento sobre um corpo de boneco negro, amputado, cadeirante, careca, gordo, *Down*, velho e tatuado.

Precisei buscar na etnografia pós-crítica de pesquisa com crianças subsídios para entender como poderia ser feita uma pesquisa com crianças, tentando buscar, da maneira mais fidedigna, suas manifestações, vozes nas brincadeiras acerca dos bonecos e seus corpos. Também precisei utilizar-me dos Estudos Culturais, por entender que esse é o estudo que mais poderia me ajudar a compreender como tais crianças da pesquisa estão entendendo nesse momento as questões corporais que foram propostas a elas, sem acreditar que seus entendimentos são únicos e verdadeiros e, sim, que poderiam vir a pensar de maneira diferente da que pensavam antes.

De uma forma geral, as crianças brincaram com os bonecos apresentados, mostrando-se receptivas, curiosas e atentas quanto aos corpos, mostrando aos amigos as novidades, estranhezas e deformidades dos brinquedos. Pude perceber que além de suas falas, seus olhares, reações, posturas, gestos e feições também diziam sobre cada tipo de corpo, que nas brincadeiras eram inseridos. Na grande maioria falavam sobre as “faltas” que apresentavam em seus corpos, a perna da boneca, por exemplo. Aos poucos a necessidade de compensar essas faltas foram diminuídas através de práticas de embelezamento, como deixar a touca na cabeça da Boneca-careca, ou colocar o vestido de princesa na Boneca-amputada ou, ainda, de utilizar acessórios como bolsa, sapato, roupas com glitter nos bonecos negros. As crianças aceitavam aqueles corpos, formavam famílias em suas brincadeiras, falavam sobre doenças, deformidades e estratégias de conserto e, ao final, quase sempre manifestavam:

– “*Gostei dela, mas se eu pudesse eu mudaria...*”, frase escolhida para dar nome à esse meu trabalho.

Percebi que as crianças disseram sobre os bonecos negros coisas diferentes: alguns manifestavam relações entre as cores dos bonecos e de seus familiares, entretanto outros apresentaram rejeições ao corpo negro, não desejando aquela cor para si. Com a boneca

careca as crianças eram mais sutis: afirmavam que, depois do tratamento para o câncer, o cabelo cresceria e, ao final dos nossos encontros, já brincavam com a boneca sem a necessidade de lhe colocar a touca, como no início.

Ao longo das nossas conversas as crianças traziam seus entendimentos sobre os bonecos, diziam o que pensavam sobre eles e, ao mesmo tempo, associavam com o que sabiam e conheciam, modificando suas próprias concepções ao longo das nossas brincadeiras.

As crianças afirmavam que nunca haviam brincado com bonecos como os que eu levava - algo, ao meu ver, perigoso, pois pensar que eles e muitas crianças só brincam com um tipo de corpo (esbelto, magro, loiro, branco, de olhos claros, heterossexual) acaba por criar um “ideal de corpo” de sujeito, aquele que é o “certo”, o “verdadeiro”, o “normal”, fazendo com que tudo que se difere dessas características seja visto como “anormal”, “estranho”. Entendo que as possibilidades de fazer uso desses corpos nas brincadeiras cotidianas das crianças, analisar suas interações com tais materiais foram o principal motivo de meu TCC, estando atenta e disposta a ouvir o que tinham a dizer sobre eles as crianças da educação infantil pesquisada.

Não busquei, ao longo desse trabalho, “verdades” absolutas em torno do que pensavam as crianças sobre os corpos dos bonecos, mas tentei compreender como o diferente, o anormal, opera nas brincadeiras e vivências das crianças. O trabalho não tentou dar conta de todas as discussões acerca das interações das crianças com os corpos dos bonecos, pois entendo que cada corpo apresentado poderia possibilitar grandes discussões e análises, frente à importância desse tema na educação. Entretanto ele se coloca nesta pesquisa na tentativa de buscar formas para se problematizar as brincadeiras com corpos “diferentes”, como forma de entender o que as crianças estão pensando hoje sobre esse tema.

Essa pesquisa pode contribuir para que sejam problematizadas essas questões, que muitas vezes são deixadas de lado pela escola, questões, entendo eu, que devem entrar na roda para ser discutidas e refletidas. Assim, a pesquisa torna-se importante para compreendermos como esses conceitos de diferença, anormalidade e identidade são produzidos por vinte e uma crianças, através das interações com os bonecos com “corpos-diferentes”. Como os mesmos operam nas suas vivências, construindo saberes e estratégias de melhorá-los, com o objetivo de deixá-lo cada vez mais comum, mais usual aquilo que cotidianamente vivem em seu cotidiano sobre se ter um corpo de um jeito, mas também conhecendo e tendo a possibilidade de viver com diferente de si.

Como estudante de Pedagogia e pesquisadora em processo, acredito que essa pesquisa foi se constituindo juntamente com minha história nesse curso, pois a partir e com ela dela pude descobrir a área que mais me encanta na educação, a educação infantil. Participe de pesquisas como essa, ao longo do curso me mostrou o quanto pude aprender que é possível fazer investigações sobre este tema, mesmo com crianças pequenas.

Fazer este TCC me possibilitou ter a certeza que ainda precisamos falar, brincar e problematizar os corpos, especialmente, neste caso o dos brinquedos, na qual o olhar das crianças e também o meu olhar não é o mesmo, quando trato de corpos – crianças – brinquedos. Todos vivemos a experiência de si e fomos nos modificando, eu me transformei frente ao que pensava, ao longo das discussões, leituras e estudos ocorridos não so na pesquisa, mas ao longo do curso. Vivi o que Larrosa (2011) aponta como experiência,

Se a experiência de si é histórica e culturalmente contingente, é também algo que deve ser transmitido e ser aprendido. Toda cultura deve transmitir um certo repertório de modos de experiência de si, e todo novo membro de uma cultura deve aprender a ser pessoa em alguma das modalidades incluídas nesse repertório. Uma cultura inclui os dispositivos para formação de seus membros como sujeitos ou, no sentido que vimos dando até aqui à palavra sujeito, como seres dotados de certas modalidades de experiência de si (LARROSA, 2011, p.45).

Entendo que a experiência desta investigação foi repleta do aprender a ser pessoa como aponta o autor. Aprendi com ela que crianças, bonecos e educação, possibilitam a transformação de um famoso e terrível trabalho final de Curso, em uma construção essencial para a minha formação. Forma aprendizagem repleta de significados, desafios e muito ainda a aprender. Tenho a certeza que minha pesquisa não ficará apenas no papel, estará presente, permeando meus olhares e pensamentos, para que eu e outras pessoas possamos continuar investigando esse tema, que parece tão simples, mas que possui inúmeras significações sobre corpos de crianças, professores, enfim todos os que apostam que é possível se transformar, transformar pensamentos. Que possamos trazer para a escola, para nossa sala de aula brinquedos e brincadeiras com corpos, diversos, únicos e “diferentes”, quem sabe assim nossos olhares perceberão o quanto é estranho um corpo chamado - padrão?!

REFÊRENCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 140 – 166.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAUMAN, Zygmund. Escrever, escrever sociologia. Posfácio. In:_____. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 231- 246.
- BROUGÈRE, Giles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CORSARO, Willian. *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. In: Revista Educação & Sociedade, Campinas, maio/ago, 2005, v. 26, n. 91, p. 443-464.
- DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. *Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas*. Cadernos de Pesquisa, maio/ago. 2005, v. 35, n. 135, p.161-179.
- _____. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (orgs.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 141-157.
- DORNELLES, Leni Vieira. *O brincar e a produção do sujeito infantil*. Porto Alegre: ARTMED. Revista Pátio Educação Infantil. 2003.
- _____. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- _____. “Tu não podes ser princesa”: corpos, brinquedos e subjetividades. In: BRANDÃO, Ana Paula e TRINDADE, Azoilda Loretto da. (org). *Modos de Brincar*. Saberes e fazeres, v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.
- DORNELLES, Leni Vieira, BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Alguns modos de significar a infância. In: DORNELLES, Leni Vieira, BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (org). *Educação e infância na era da informação*. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patrícia de Moraes. *Sobre a produção dos infantis e os (im)pensáveis percursos da pesquisa com crianças*. No prelo, 2014.
- FORTUNA, Tânia Ramos. O lugar do brincar na educação infantil. In: *Pátio: Educação Infantil*. Porto Alegre, v.9, n.27, abr./jun. 2011. p. 8 – 10.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: GOELLNER, Silvana V.; LOURO, Guacira; NECKEL, Jane (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-40.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Pedagogia da racialização ou dos modos como se aprende a “ter” raça e/ou cor. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss, BONIN, Iara Tatiana (org.). *Pedagogias sem fronteiras*. Canoas: Ed. Ulbra, 2010, p. 85 a 91.

LEMOS, Flávia Cristina S. A Apropriação do Brincar como Instrumento de Disciplina e Controle das Crianças. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, abril de 2007, p. 81-91.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: GOELLNER, Silvana V.; LOURO, Guacira; NECKEL, Jane (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-52.

MARQUES, Circe Mara. *Experiência com bonecas anormais no curso de Pedagogia: construindo modos de ser professora*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 267 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MARTINS FILHO, Altino e PRADO, Patrícia. *Das pesquisas com crianças: complexidades da infância*. São Paulo: Autores Associados, 2011.

MOYLES, Janet. *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Nathália Cargnin; ALVES, Bibiana Dornelles; DORNELLES, Leni Vieira. *Como devem ser os corpos dos bonecos? O que dizem e pensam as crianças sobre ser e ter um corpo negro numa sala de educação infantil*. In: Livro de destaques do Salão de Iniciação Científica da FEVALE/2014.

SARMENTO, Manuel. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel & GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73 a 102.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares...In: COSTA, Marisa Vorraber (orgs.). *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002, p. 23-28.

_____. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105 – 118.

_____. *Foucault & a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina; BACARIN, Telma Iara. O Mundo da Barbie em “Escola de Princesas” e em “As Três Mosqueteiras”. In: XAVIER FILHA, Constantina (orgs). *Sexualidades, Gênero e Infâncias no cinema*. Campo Grande: Editora UFMG, 2014, p. 43-60.

Sites consultados:

CHARTIER, Marcelle. *A (sensual) história da Barbie*. Revista Super Interessante, dezembro, 2011. Acessada em <http://super.abril.com.br/cultura/sensual-historia-barbie-656085.shtml>.

Altman, Max. *Hoje na História: 1959 - Primeira boneca Barbie é apresentada ao público nos EUA*, 2014. Acessada em <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/34291/hoje+na+historia+1959+-+primeira+boneca+barbie+e+apresentada+ao+publico+nos+eua.shtml>

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de apresentação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

Porto Alegre, ____ de agosto de 2014.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o Nathália Cargnin Santos , regularmente matriculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.



Assinatura da responsável Leni Vieira Dornelles

Professor/a Orientador/a do TCC

APÊNDICE B - Termos de consentimento das crianças

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA CRIANÇA

Este papel de nome estranho – “Termo de Consentimento Informado da Criança” – é, na verdade, um papel que explica o que vamos fazer durante esta pesquisa e quais são teus direitos de participante.

Depois de lermos juntos tu poderás levá-lo para casa e mostrar para teus pais ou para um responsável antes de assiná-lo e dizer que tu queres participar e ajudar neste trabalho. Mas não fique preocupado/a, tu também podes mudar de idéia em qualquer momento e desistir das entrevistas e brincadeiras.

O que será feito?

- A gente vai se encontrar algumas vezes para fazer algumas brincadeiras em grupo ou conversas (entrevistas). Tu não estarás sozinho. Seremos eu, tu e mais alguns colegas da tua sala.
- Nós ficaremos na tua sala, em algum lugar da escola ou do pátio.
- Enquanto estivermos conversando e brincando eu vou gravar a nossa conversa para depois poder ouvir novamente o que falamos.
- Durante a entrevista e as brincadeiras faremos atividades de conversar e brincar com bonecos e fotografar.
- Nós vamos nos encontrar algumas vezes.
- Caso tu não queiras fazer alguma das atividades tu poderás não fazê-la.
- Caso tu não gostes dos encontros tu poderás deixar de vir.
- Tudo aquilo que a gente fizer nos encontros vai ser guardado por mim de forma bastante segura.
- As tuas falas vão ser utilizados na pesquisa. Mas eu não vou usar teu nome real. Nas pesquisas, a gente costuma inventar um nome diferente para ninguém nos reconhecer.
- Eu não vou falar com ninguém que tu conheças sobre o que tu me falares na entrevista, durante as brincadeiras.
- Nas entrevistas não existem respostas certas ou erradas, e as atividades que tu fizeres não serão corrigidas. Não sou eu quem vou te ensinar, mas é tu quem vais me ensinar sobre as coisas que tu sabes acerca de tua convivência com teus colegas nas brincadeiras com bonecos diferentes.

Depois de ter lido e entendido o que vai ser feito nesta pesquisa eu,

(teu nome completo) aceito participar.



Assinatura da responsável Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre, ____ de _____ de 2014.

APÊNDICE C – Termo de consentimento para a direção

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO – DA DIREÇÃO

A escola _____ concede autorização (sem qualquer implicação financeira para ambas as partes) à aluna Nathália Cargnin Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para uso na elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso com finalidade educacional, dos registros de atividades práticas com bonecas diferentes em sala de aula da Educação Infantil.

SOBRE O PROPÓSITO DA PESQUISA:

A pesquisa pretende investigar a interação das crianças com bonecos e bonecas, e como eles produzem a noção de corporeidade e raça. Buscamos problematizar, através da pesquisa, as relações das crianças entre si e com os adultos, a partir do brincar com bonecos “diferentes”. Por conseguinte, investigaremos o modo como se produz “o conceito de raça” e o “conceito de corpo” no cotidiano da sala de aula de Educação Infantil.

_____ (Assinatura do diretor/a)



Assinatura da responsável Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

APÊNDICE D – Termo de consentimento para os professores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO – DA PROFESSORA

Eu _____ professora da escola
_____ autorizo (sem qualquer implicação
financeira para ambas as partes) à aluna Nathália Cargin Santos, da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul (UFRGS), com a orientação das professoras Dra. Leni Vieira Dornelles a
coletar dados para serem utilizados na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, desde
que os mesmos tenha apenas a finalidade educacional, bem como a fazer registros de
atividades práticas com bonecas “diferentes” na sala de aula de Educação Infantil.
(CEP/UFRGS – 33083738)

(Assinatura da Professora)



Assinatura da responsável Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre, ____ de _____ de 2014.

APÊNDICE E – Termo de consentimento do responsável pela criança

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO – DO RESPONSÁVEL PELA
CRIANÇA**

Eu _____, portador do CPF nº _____, responsável pela criança _____ AUTORIZO (sem qualquer

implicação financeira para ambas as partes) à aluna Nathália Carginin Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a orientação das professoras Dra. Leni Vieira Dornelles a coletar dados para serem utilizados na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, desde que os mesmos tenha apenas a finalidade educacional, bem como a fazer registros de atividades práticas com bonecas “diferentes” na sala de aula de Educação Infantil.

A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO,

_____ (Assinatura da responsável)



Assinatura da responsável Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.